
ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA REVISTA DE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS – REGEPE

Jennifer Alves Rates GOMES¹; Elvira Aparecida Simões de ARAUJO²; Paulo Roberto Grangeiro RODRIGUES³¹

1. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Planejamento e Desenvolvimento Regional – Universidade de Taubaté – UNITAU (www.unitau.br). E-mail: jennifer.rates.83@gmail.com. 2. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora-pesquisadora do de Pós-graduação em Planejamento e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté – UNITAU (www.unitau.br). E-mail: elvirasaraujo@gmail.com. 3. Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté, Taubaté – SP, Brasil. E-mail: paulo.grangeiro@unitau.com.br.

RESUMO: O empreendedorismo ou os chamados comportamentos empreendedores sempre existiram, no entanto, o estudo sobre esses comportamentos são recentes. Em um curto espaço de tempo o termo empreendedorismo passou a fazer parte do cotidiano dos brasileiros e estudos foram (e continuam) sendo realizados com o intuito de sistematizar os comportamentos empreendedores para compreendê-los e por ventura, transformá-los em um “método duplicável”. O presente estudo se propôs a realizar uma análise bibliométrica de artigos publicados na Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas – REGEPE, sobre educação empreendedora no período de 2012 a 2018, e chegou-se ao resultado de que 14% da produção científica da revista traz a educação empreendedora como tema central, para tanto, utilizou-se metodologia de pesquisa quantitativa descritiva.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Empreendedora. Empreendedorismo. REGEPE.

INTRODUÇÃO

A Educação Empreendedora foi introduzida no Brasil em 1980, por Ronald Jean Degen, autor do livro “O Empreendedor” (1989), o primeiro livro didático sobre empreendedorismo publicado em língua portuguesa. De lá pra cá, termos relacionados a empreendedorismo e educação empreendedora, passaram a ser “incorporados no vocabulário cotidiano das pessoas e nos assuntos de artigos, revistas, vídeos, notícias” exponencialmente (LOPES, 2017, p.3), relevante ressaltar que embora já houvesse empreendedores no Brasil há muito tempo, o que é propriamente “novo” é o estudo sobre o assunto e os fenômenos ou características que o compõem, além do debate de se tratar o empreendedorismo de algo nato ou passível de ser aprendido (LOPES, 2017, p. 4).

O estudo sobre a Educação Empreendedora se faz relevante por ser o Brasil, um país com alta taxa de mortalidade de empresas com até dois anos de existência e também por possuir predominantemente empreendedores por necessidade e não por oportunidade. Outro

¹Autor Correspondente

dado relevante, revelado por um estudo da GEM é que no país, quanto maior o nível de escolaridade, menor a intenção empreendedora do brasileiro.

Estudar educação empreendedora oferece a possibilidade de sistematização dos comportamentos empreendedores para produção de um método eficaz de duplicação. De acordo com LOPES, LIMA e NASSIF (2017), uma pesquisa realizada em 2011 nos Estados Unidos, por Lange, Marram, Jawahar, Yong e Bygrave, em *Babson College*, faculdade que oferece cursos de educação empreendedora desde o primeiro ano da graduação teve como objetivo mensurar quantitativamente o número de alunos que efetivamente desenvolveram carreira empreendedora. A pesquisa se preocupou em levar em consideração a intenção empreendedora do egresso antes mesmo do início das aulas sobre empreendedorismo e chegou a resultados interessantes: na amostra, composta por 3.775 alunos, não foi significativa a influência dos pais na intenção empreendedora dos alunos pesquisados, já a influência dos cursos sobre empreendedorismo foi significativa para que os alunos se tornassem efetivamente empreendedores, sendo levado em consideração o tempo de cinco anos após a graduação. Um dado da pesquisa especialmente nos chamou atenção, “as evidências apontam que fazer apenas um curso de EE não tem forte impacto, ajudando apenas na investigação da possibilidade do empreendedorismo como carreira, ao passo que fazer dois ou três de fato influenciou tanto na intenção de empreender quanto na de se tornar de fato um empreendedor” (LOPES, LIMA e NASSIF, 2017, p. 31).

O tema empreendedorismo está cada vez mais presente em Instituições de Ensino Superior – IES, o que merece reflexão sobre como o tema está sendo apresentado aos acadêmicos. Enquanto há Instituições de Ensino Superior que ministram aulas em formato de “escala de produção”, inibindo ou desestimulando o pensamento criativo e o comportamento empreendedor, há Instituições que repetem o mantra de que “todos podem ser empreendedores” sem oferecer embasamento real sobre o assunto, criando no imaginário dos alunos a ideia de que ser empreendedor só depende de si, não levando em questão consideráveis fatores externos e alheios ao desejo destes.

O que se quer discutir é: como o empreendedorismo está sendo ensinado nas IES, o que revelam os artigos científicos publicados mais recentemente? Qual a “melhor maneira” de abordar os temas de educação empreendedora? Para iniciar uma investigação sobre o assunto, tema de uma futura dissertação da autora, foi realizada uma análise bibliométrica da produção científica sobre EE publicada na revista REGEPE, a Revista foi selecionada para o estudo por ser a uma das mais relevantes em sua área de atuação e por possui classificação B1 no sistema

Qualis-CAPES. No entanto, a seleção de apenas uma base de dados, naturalmente limita o estudo sobre o assunto, se faz relevante, portanto, que outras pesquisas sobre o tema sejam produzidas, inclusive fazendo comparações à fonte eleita pelo presente estudo.

MATERIAL E MÉTODO

Foi realizado um estudo descritivo, que de acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 102) “buscam especificar as propriedades, as características e os perfis de pessoas, grupos, comunidades, processos, objetos ou qualquer outro fenômeno que submeta a uma análise”, com abordagem quantitativa, pois existe um plano explícito e organizado para quantificar os dados disponíveis (SAMPIERI, COLLADO E LUCIO, 2013, p. 217), por meio de análise bibliométrica de artigos publicados sobre educação empreendedora na base de dados da Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (REGEPE). O período pesquisado foi desde a primeira edição da revista, em 2012, até a primeira edição (ainda não finalizada) de 2018.

A seleção dos artigos foi feita com base na leitura dos resumos e dos 127 artigos publicados, cerca de 14% trazem a educação empreendedora como assunto principal. Em seguida foi realizada leitura dos artigos selecionados para identificar consonância com o tema da pesquisa e por fim apresentados resultados e análise de dados obtidos.

Fundamentação Teórica

A história da educação empreendedora

O primeiro curso de empreendedorismo que temos conhecimento foi oferecido em 1927, pela Universidade de Michigan e em 1947 foi a vez da Universidade de Harvard apresentar um curso sobre o assunto. Desde então os Estados Unidos continuaram disseminando e promovendo o tema em escolas, cursos de graduação e pós-graduação, oferecendo oportunidades para que os alunos tenham experiências práticas com o empreendedorismo. Em 2003 a Comunidade Europeia afirmou que “educação empreendedora se refere ao desenvolvimento de habilidades e do espírito empreendedor pelos aprendizes, de modo que se tornem capazes de transformar ideias criativas em ação” e enfatizou a importância da educação empreendedora, desde então “vem trabalhando com o tema pois

entende que o empreendedorismo é a chave para o desenvolvimento econômico e social dos países. Neste sentido, vem impulsionando estudos, iniciativas, levantando e difundindo melhores práticas e estimulam países-membros a inserir a educação empreendedora em suas estratégias e políticas”. A comunidade europeia defende a educação empreendedora desde o ensino fundamental até o nível superior (LOPES, LIMA e NASSIF, 2017, p. 22).

Em 1981, o primeiro curso de empreendedorismo foi introduzido no Brasil, trazido para o curso de Especialização em Administração para graduados da FGV (Fundação Getúlio Vargas), por Ronald Degen, com a disciplina ‘Diretrizes Administrativas’. Tinha foco na criação de negócios.

Em 1984, a Universidade de São Paulo também deu início a um curso para criação de empresas, o professor responsável foi Silvio Aparecido dos Santos, ainda em 1984, o professor Silvio Aparecido dos Santos, levou para UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), a disciplina ‘Criação de Empresas’ para o curso de Graduação em Ciência da Computação.

Em 1985, a USP (Universidade de São Paulo), instituiu a disciplina ‘Criação de Empresas e Empreendimentos de Base Tecnológica’ na Pós-Graduação em Administração de Empresas (DOLABELA, 2000).

No ano de 1991, o EMPRETEC foi introduzido no Brasil e é coordenado pelo SEBRAE desde 1993, este programa trouxe novidades para EE por ter um foco em comportamentos empreendedores e não em instrumentos de gestão, percebe-se aqui, o empreendedorismo com sentido de inovação (LAVIERI, 2010).

Em 1996, a Universidade Federal de Pernambuco incluiu a disciplina de ‘Empreendedorismo’ no curso de Ciência da Computação. (DOLABELA, 2000).

Há duas correntes principais em torno da definição do empreendedorismo, uma delas é dos economistas, que relacionam o empreendedorismo à inovação, a outra é a corrente dos comportamentalistas, que evidenciam características relacionadas à atitude dos empreendedores, como criatividade e intuição (Maria José Guerra e Zilá Joselita Grazziotin).

Drucker defendia que o empreendedorismo pode ser ensinado e aprendido (1986) e foi um dos primeiros a associar empreendedorismo e inovação.

A inovação é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio diferente ou um serviço diferente. Ela pode bem ser apresentada como uma disciplina, ser apreendida e ser praticada. Os empreendedores precisam buscar, com propósito deliberado, as fontes de inovação, as mudanças e seus sintomas que indicam oportunidades para que uma inovação tenha êxito. E os empreendedores precisam conhecer e pôr em prática os princípios da inovação bem-sucedida. (Drucker, 1986, página 25).

A discussão sobre Educação Empreendedora e Empreendedorismo ganhou destaque nas duas últimas décadas e ainda estamos caminhando para o amadurecimento de um formato mais eficaz e profissional (LAVIERI, 2010).

É significativo o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) nesse desenvolvimento, por meio da educação formal surge a oportunidade de ampliação da visão do estudante sobre o mercado de trabalho e sobre o autogerenciamento da carreira. O auto emprego, nesse caso, pode ser visto como uma opção de solução para os desafios de inserção no mercado de trabalho. As IES possuem o papel de estimular a criatividade e o senso crítico para que o aluno leve em consideração a possibilidade de seguir uma carreira empreendedora.

Para Shumpeter, o progresso econômico das nações é produzido em decorrência da inovação introduzida pelos empreendedores. Dessa forma, a definição do empreendedorismo ganha cunho comportamental (inovação), e não apenas econômico, em que o resultado é mensurado pelo número de abertura de novas empresas ou negócios (DRUCKER, 1986).

Inovação não é apenas a criação de um produto ou serviço inédito, é também a criação de uma nova solução para um antigo problema ou a criação de uma nova forma de produção mais rápida e eficaz.

De acordo com Carlos Lavieri (2010), “O conceito de preparar funcionários para carreiras em grandes empresas ainda está presente na maior parte das faculdades de administração. [...] As universidades de administração (e várias outras) insistem em formar bacharéis que buscam emprego em uma grande empresa”.

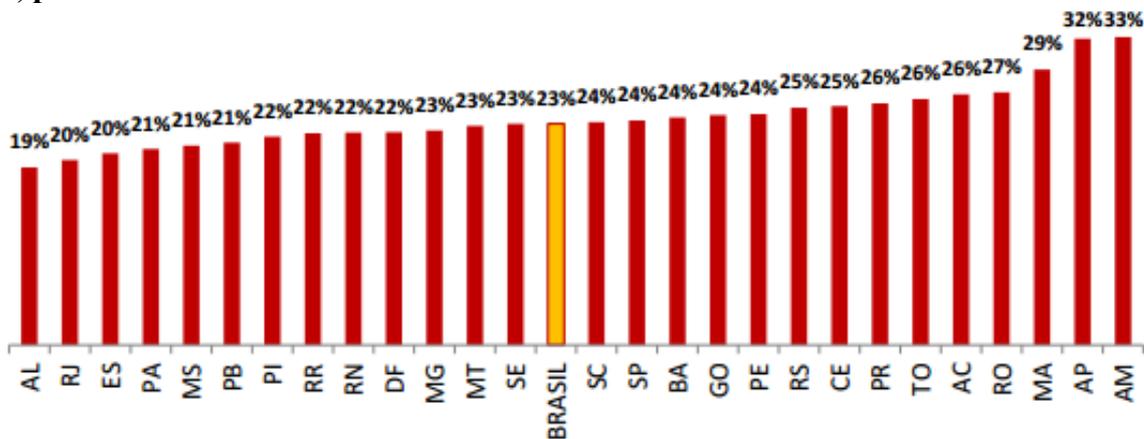
“A inovação, entretanto, é notadamente mais bem-sucedida e implementada quando o autor da ideia também é o responsável por disseminá-la e conduzir o projeto adiante. Assim, a criatividade, dissociada de ação empreendedora, não basta. ” (Knight, *apud* Carlos Lavieri, 1987).

Fica evidente nesse sentido a fragilidade do ensino que oferecem algumas IES no sentido de preparar o aluno para lidar com questões pertinentes à gestão de grandes empresas, enquanto a realidade é que esses potenciais empreendedores terão oportunidade de inserir-se no mercado em micro, pequenas ou médias empresas.

Mortalidade de empresas no Brasil

Discutir como a Educação Empreendedora está acontecendo no Brasil se faz relevante pelo fato do país possuir alta taxa de mortalidade de empresas com até dois anos. Um estudo realizado pelo SEBRAE, denominado: Sobrevivência das Empresas no Brasil, publicado em outubro de 2016, aponta o percentual de mortalidade das empresas em todos os Estados brasileiros, como demonstra o gráfico a seguir.

Figura 01. Taxa de mortalidade de empresas de 2 anos para empresas constituídas em 2012, por UF.



Fonte: SEBRAE

O estudo aponta para outros dados relevantes, na referida pesquisa levantaram-se dados sobre o nível de escolaridade de empreendedores com negócios em fase inicial, bem como dos empreendedores que já possuíam negócio estabelecido, o resultado está ilustrado abaixo:

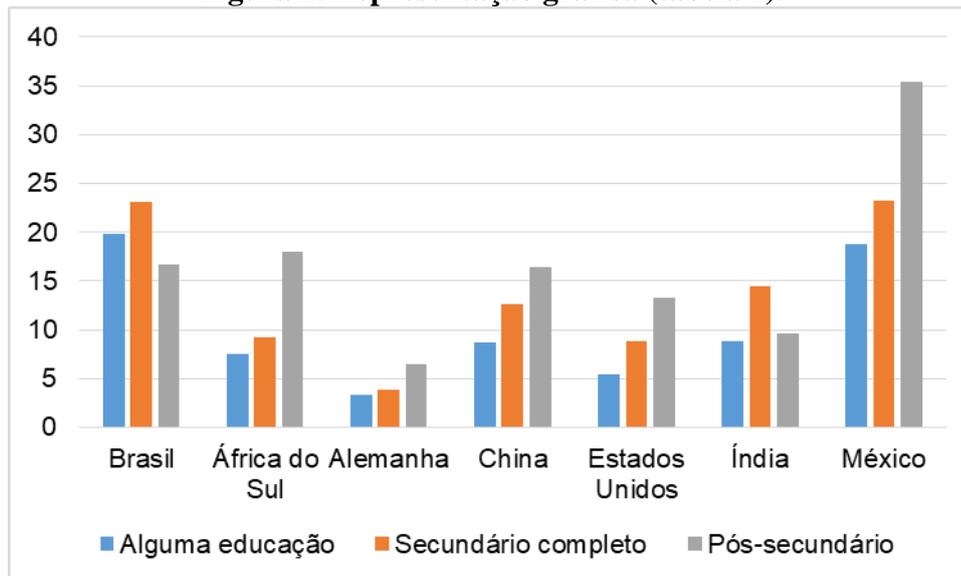
Tabela 1. Taxas específicas de empreendedorismo inicial (TEA) segundo nível de escolaridade – Países selecionados – 2015.

| PAÍSES* | ALGUMA EDUCAÇÃO | SECUNDÁRIO COMPLETO | PÓS-SECUNDÁRIO | TAXAS ESPECÍFICAS DE EMPREENDEDORISMO INICIAL (TEA), SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE |
|---------------|-----------------|---------------------|----------------|--|
| Brasil | 19,8 | 23,1 | 16,7 | 21,0 |
| África do Sul | 7,5 | 9,2 | 18,0 | 9,2 |
| Alemanha | 3,4 | 3,9 | 6,5 | 4,7 |
| China | 8,7 | 12,7 | 16,4 | 12,8 |

| | | | | |
|----------------|------|------|------|------|
| Estados Unidos | 5,4 | 8,9 | 13,3 | 11,9 |
| Índia | 8,8 | 14,5 | 9,6 | 10,9 |
| México | 18,8 | 23,2 | 35,4 | 21,0 |

*Fonte: GEM Brasil (2015)

Figura 2. Representação gráfica (tabela 1).



Fonte: GEM Brasil (2015)

Nota-se que na África do Sul, Alemanha, China, Estados Unidos e México, quando se trata de empreendedorismo inicial, quanto maior o nível de escolaridade, maior o número de empreendedores, diferente do que acontece no Brasil e na Índia. Ressalta-se que no caso do Brasil, a diferença é ainda mais significativa pois entre os níveis de escolaridade comparados, o que possui menor número de empreendedores é o pós-secundário.

Tabela 2. Taxas específicas de empreendedorismo inicial (TEE) segundo nível de escolaridade – Países selecionados – 2015.

| PAÍSES* | ALGUMA EDUCAÇÃO | SECUNDÁRIO COMPLETO | PÓS-SECUNDÁRIO | TAXAS ESPECÍFICAS DE EMPREENDEDORISMO INICIAL (TEE), SEGUNDO NÍVEL DE ESCOLARIDADE |
|---------------|-----------------|---------------------|----------------|--|
| Brasil | 19,9 | 19,9 | 19,9 | 19,9 |
| África do Sul | 3,7 | 3,7 | 3,7 | 3,7 |
| Alemanha | 2,6 | 2,6 | 2,6 | 2,6 |

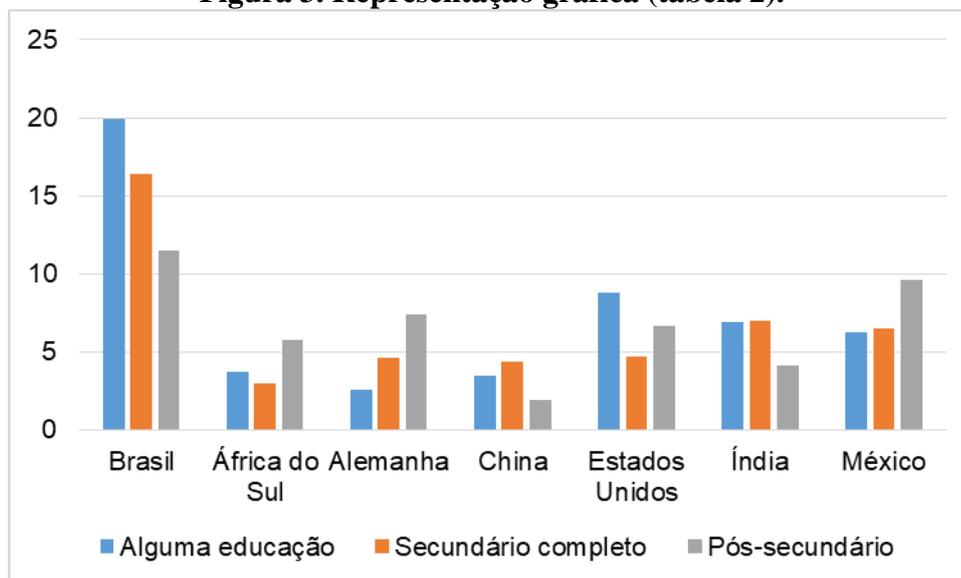
| | | | | |
|----------------|-----|-----|-----|-----|
| China | 3,5 | 3,5 | 3,5 | 3,5 |
| Estados Unidos | 8,8 | 8,8 | 8,8 | 8,8 |
| Índia | 6,9 | 6,9 | 6,9 | 6,9 |
| México | 6,3 | 6,3 | 6,3 | 6,3 |

*Fonte: GEM Brasil (2015)

¹ Percentual de empreendedores estabelecidos de cada classe.

² Alguma educação: primeiro grau completo e segundo incompleto; Secundário completo: segundo grau completo e superior incompleto; Pós-secundário: Superior completo, especialização completo ou incompleto, mestrado incompleto ou completo, doutorado incompleto.

Figura 3. Representação gráfica (tabela 2).



Fonte: GEM Brasil (2015)

Observa-se que no Brasil, quanto maior o nível de escolaridade, menor é a intenção empreendedora. Degen (1989) afirma que empreendimentos iniciados ou geridos por pessoas com maior nível de escolaridade tendem a ser mais bem estruturados, baseados em novas tecnologias e inovações significativas, gerando mais empregos e riqueza, também são mais por oportunidade que por necessidade. O resultado são empresas mais bem estabelecidas no mercado, com potencial de “crescimento sustentado”.

Já os empreendimentos que são motivados pela necessidade tendem a serem menos significativos para economia, pois geram menos empregos e contribuições. São empreendimentos pouco estruturados, com caráter de atividade para sobrevivência do indivíduo. Nos Estados Unidos, 80% dos empreendimentos são motivados por oportunidade, enquanto no Brasil, apenas 55% (GEM 2007).

Outro ponto de atenção é que a Instituição de Ensino pode servir como ambiente favorável à formação de uma rede de contatos. É comum que os potenciais empreendedores não tenham todas as habilidades necessárias para empreender, no ambiente de ensino ele pode encontrar parceiros (possíveis sócios) que complementem as habilidades que eventualmente não domine.

Considerando-se o relevante papel que possui a educação empreendedora no desenvolvimento econômico e social do país, realizou-se uma pesquisa bibliométrica na base de dados da Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas – REGEPE com o fim de mensurar a publicação sobre o tema, além de elencar dados sobre as publicações, o resultado é apresentado a seguir.

RESULTADOS

Tabela 3. Artigos sobre Educação Empreendedora publicados na REGEPE.

| Nº | Título | Autores | Ano |
|----|--|--|------|
| 1 | Evolução do capital social empreendedor nos <i>spinn-offs</i> universitários | Cândido Borges, Louis Jacques Filion | 2012 |
| 2 | Uma abordagem sobre o papel das redes para pequenas empresas e sobre os efeitos nos aprendizados de empreendedores | Pedro Henrique Gois, Hilka Pelizza Vier Machado | 2012 |
| 3 | Empreendedorismo acadêmico no Brasil: uma avaliação da propensão à criação de empresas por estudantes universitários | Renato Garcia, Veneziano Araujo, Suelene Mascarini, Andrea Oliveira Silva, Ruben Ascúa | 2012 |
| 4 | Propensão empreendedora entre estudantes participantes de empresas juniores | Emanoel Renato Andrade Ferreira, Ana Augusta Ferreira de Freitas | 2013 |
| 5 | Estratégia de criação de conhecimento em micro e pequenas empresas por meio de programas de estágio uma realidade ou um desafio? | Donizeti Leandro de Souza, André Luiz Zambalde, Nivaldo Oliveira | 2013 |
| 6 | Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação | Fernando Dolabela, Louis Jacques Filion | 2013 |
| 7 | Formação de técnicos agropecuários empreendedores: o caso do IFES e sua participação na OBAP | Robson Malacarne, Janete Brunstein, Margarete Dias Brito | 2014 |
| 8 | A visão dos estudantes universitários de administração sobre empreendedorismo: comparações entre o estudo Guess Brasil 2011 com o levantamento realizado na universidade Estadual de Londrina – PR | Saulo Fabiano Amâncio Vieira, Gerson Antonio Melatti, Letícia Fernandes de Negreiros, Camila Moliani Ferri | 2014 |

| | | | |
|----|---|---|------|
| 9 | O caso de ensino sobre o hotelzinho Doce Encanto: o lado não tão doce da relação entre estrutura, estratégia e sobrevivência organizacional | José Vitor Palhares dos Santos | 2014 |
| 10 | Mentalidade empreendedora no litoral norte paulista: uma investigação com discentes de ensino superior | Ricardo de Lima Ribeiro, Elvira Aparecida Simões de Araujo, Edson Aparecida de Araujo Querido Oliveira | 2015 |
| 11 | Influência da intenção empreendedora de discentes em um Instituto de Ensino Superior | Raimundo Eduardo Silveira Fontenele, Marcus Vinicius de Oliveira Brasil, Antônia Márcia Rodrigues Sousa | 2015 |
| 12 | Características comportamentais empreendedoras: em cena os futuros administradores | Cristiele Dal Osto Minuzzi, Katiuscia Schiemer Vargas, Camila Borges Fialho | 2016 |
| 13 | Carreira tradicional ou moderna? Um estudo com alunos da rede municipal de ensino de São José dos Campos/SP | Aline Campos Figueiredo, Antônio Del Maestro Filho, Lucas Maia dos Santos | 2016 |
| 14 | Teoria da aprendizagem experiencial no ensino do empreendedorismo: um estudo exploratório | Patricia Viveiros de Castro Krakauer, Silvio Aparecido dos Santos, Martinho Isnard Ribeiro de Almeida | 2017 |
| 15 | Educação empreendedora como método: o caso do <i>minor</i> em empreendedorismo inovação da UFF | Fabiane da Costa e Silva, Rafael Cuba Mancebo, Sandra Regina Holanda Mariano | 2017 |
| 16 | Avaliação da propensão a empreender: uma proposta de mensuração desse constructo | Hong Yuh Ching, Jose Renato Kitahara | 2017 |
| 17 | O “bê-á-bá” do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora | Júlio Fernando da Silva, Roberto Patrus | 2017 |
| 18 | <i>A preliminary exploration of the development of wisdom in entrepreneurship education</i> | Jeffrey McNally, Benson Honig, Bruce Martin | 2018 |

Fonte: Os autores (2018)

No artigo “Evolução do capital social empreendedor nos *spinn-offs* universitários”, os autores revelam o resultado de uma pesquisa realizada em oito caso de *spinn-offs* universitários que tinha como objetivo apresentar como o capital social empreendedor evolui ao longo do processo de criação de uma empresa, o estudo conclui que a maioria dos empreendedores pesquisados mobilizam a rede de contatos na etapa de lançamento do processo de criação da empresa, ato que, segundo os autores, deveria ter início nas etapas iniciais do processo, tendo em vista que os empreendedores que o fizeram “obtiveram vantagens em aspectos como a possibilidade de obter informações de mercado diretamente de um consumidor ou cliente em potencial” (BORGES; FILION, 2012, p. 24). Os autores

sugerem ainda que universidades e incubadoras favoreçam, desde os primeiros dias da empresa a interação de seus *spinn-offs* com contatos de negócios.

O processo de aprendizagem de comportamentos empreendedores, gerado por redes sociais de relacionamento, como as associações comerciais, é o tema central do artigo “Uma abordagem sobre o papel das redes para pequenas empresas e sobre os efeitos nos aprendizados de empreendedores”, o artigo revela a importância da troca de experiências entre empreendedores de pequenas empresas como forma de facilitar a criação e manutenção de novos negócios e apresenta ainda uma relação de estudos que relacionam empreendedores organizados em redes e processo de aprendizagem.

Fatores que motivam o empreendedorismo acadêmico são apresentados em “Empreendedorismo acadêmico no Brasil: uma avaliação da propensão à criação de empresas por estudantes universitários”. A pesquisa aplicada junto a estudantes universitários revela que “a propensão a assumir risco, a proximidade a outros empreendedores e o desenvolvimento de uma ideia para o empreendimento são os principais fatores que influenciam a propensão à criação de empresas” além destes a “busca pelo poder e a possibilidade de colocar em prática as próprias ideias” (ARAÚJO; MASCARINI; ASCÚA, 2012, p. 36) são fatores motivadores ao empreendedorismo entre os acadêmicos pesquisados.

Corroborando com o artigo de Borges e Filion (2012) sobre a experiência de acadêmicos em atividades práticas proporcionadas no meio acadêmico relacionadas a empreendedorismo, a pesquisa de Ferreira e Freitas (2013) apresenta um resultado de maior propensão empreendedora entre alunos que tiveram a oportunidade de participar de Empresas Juniores. De acordo com o estudo, acadêmicos que participaram destas atividades apresentam cinco médias significativamente superiores em itens de comportamento empreendedor, comparados aos acadêmicos que não participaram das referidas atividades. Os autores sugerem que a participação em Empresa Júnior influencia a propensão empreendedora dos estudantes.

O artigo “Estratégia de criação de conhecimento em micro e pequenas empresas por meio de programas de estágio: uma realidade ou um desafio?”, aborda como tema central a participação de acadêmicos em programas de estágio em micro e pequenas empresas. Os autores, buscam por meio de pesquisa de campo, avaliar se de fato os estágios trazem significativo ganho de conhecimento empreendedor aos estagiários ou se os estagiários são usados apenas como ferramenta de diminuição de custos pelo empregador. O estudo aponta uma fragilidade no conhecimento que os empresários possuem sobre os benefícios dos

programas de estágio. Os autores sugerem que empresários de micro e pequenas empresas possam suprir carências em diversas áreas da empresa, por meio da contribuição efetiva do funcionário estagiário ao invés de enxergá-lo apenas como “mão de obra barata”.

Educação empreendedora no ensino fundamental é tema do artigo de Dolabela e Filion (2013), autores frequentes na literatura sobre empreendedorismo. O artigo revela resultados de um projeto realizado no Paraná, desenvolvido para dar suporte ao processo de aprendizagem do empreendedorismo desde o ensino fundamental e afirma que o projeto vai além da educação empreendedora em si e despertam nos alunos uma reflexão sobre si mesmos, sobre seu próprio futuro, apoiam o desenvolvimento da imaginação e de ferramentas para satisfazer seus desejos de conquista.

“Formação de técnicos agropecuários empreendedores: o caso do IFES e sua participação na OBAP” sugere existir uma lacuna no currículo escolar de técnicos agropecuários referente à educação voltada para o empreendedorismo e apresenta uma experiência positiva realizada pelo Instituto Federal do Espírito Santo com o objetivo de preparar os professores do curso para participar da Olimpíada Brasileira de Agropecuária – OBAP, realizada pelo Instituto Federal Sul de Minas desde 2011. O estudo revela que os discentes ampliaram a visão sobre negócios e assumiram uma postura de orientadores de seus alunos, o que trouxe significativos ganhos educacionais para os envolvidos no processo.

O empreendedorismo se apresenta como uma das formas de desenvolvimento econômico e social e este foi um dos motivos que levaram os autores de “A visão dos estudantes universitários de administração sobre empreendedorismo: comparações entre o estudo Guess Brasil 2011 com o levantamento realizado na universidade Estadual de Londrina – PR” a realizar, como título revela, uma comparação entre estudos que avaliaram a visão de estudantes do curso de administração da UEL sobre o empreendedorismo e o estudo GUESS Brasil, realizado em âmbito nacional em 2011.

O caso de ensino sobre o hotelzinho doce encanto é voltado para estudantes de graduação e pós-graduação em Administração, o estudo possibilita uma confrontação entre teoria e prática por meio do conhecimento, estudo e apresentação de solução de problemas para as contingências apresentadas pela dona do estabelecimento.

“Mentalidade empreendedora no litoral norte paulista: uma investigação com discentes de ensino superior”, apresenta o resultado de uma pesquisa sobre mentalidade empreendedora aplicada no seguinte recorte: discentes de turmas concluintes no ano de 2013, de ensino superior presencial do Litoral Norte Paulista, inspirada na pesquisa aplicada pelo GEM –

Global Entrepreneurship Monitor e os resultados revelam que os professores pesquisados possuem elevada mentalidade empreendedora.

Também com objetivo de avaliar a intenção empreendedora de discentes de curso superior, Ribeiro, Araujo e Oliveira (2015) apresentaram uma pesquisa de campo que trouxe resultados muito diferentes do resultado de outros estudos sobre empreendedorismo, o que reflete a necessidade de se ampliar o escopo da pesquisa para que os resultados se aproximem da realidade.

Ainda no âmbito do ensino superior, os autores de “Características comportamentais empreendedoras: em cena os futuros administradores”, como na grande maioria dos artigos sobre o tema educação empreendedora, publicados na REGEPE, apresenta uma pesquisa de campo realizada com alunos de um curso de administração sobre suas características comportamentais empreendedoras (CCE) mais evidentes.

São José dos Campos é uma cidade referência em educação empreendedora aplicada aos alunos da rede municipal desde o ensino infantil. Este foi o motivo que levou os autores Figueiredo, Filho e Santos (2016) a realizar pesquisa de campo em alunos do nono ano sobre a preferência deles entre carreira tradicional ou moderna/proteana, o resultado foi apresentado no artigo intitulado “Carreira tradicional ou moderna? Um estudo com alunos da rede municipal de ensino de São José dos Campos/SP”. Segundo os autores “pode-se verificar entre os entrevistados, a existência de uma consciência sobre a responsabilidade pessoal na construção de sua carreira profissional”, o que sugere que o modelo aplicado na rede municipal influencia o comportamento dos alunos e a visão que eles possuem de si mesmos, especialmente no que tange à consciência de autorresponsabilidade pela realização dos próprios anseios.

O artigo “Teoria da aprendizagem experiencial no ensino do empreendedorismo: um estudo exploratório” apresenta uma pesquisa de campo realizada em professores do ensino superior sobre a influência da experiência empreendedora dos professores no ensino do empreendedorismo. A maioria dos professores pesquisados afirmaram que a experiência é essencial para a educação voltada para o empreendedorismo. Os professores apontaram como limitações “a duração da aula, a disposição do aluno para tarefas fora do ambiente escolar, o planejamento curricular e a preparação do professor”.

“Educação empreendedora como método: o caso do *minor* em empreendedorismo inovação da UFF” apresenta o resultado de um estudo de caso, o MEI – *Minor* em Empreendedorismo e Inovação, da Universidade Federal Fluminense, que tem como objetivo

conciliar teoria e prática no ensino do empreendedorismo fundamentado no desenvolvimento das práticas elencadas por Neck, Greene e Brush (2014), são elas: criação, empatia, experimentação, jogos e reflexão.

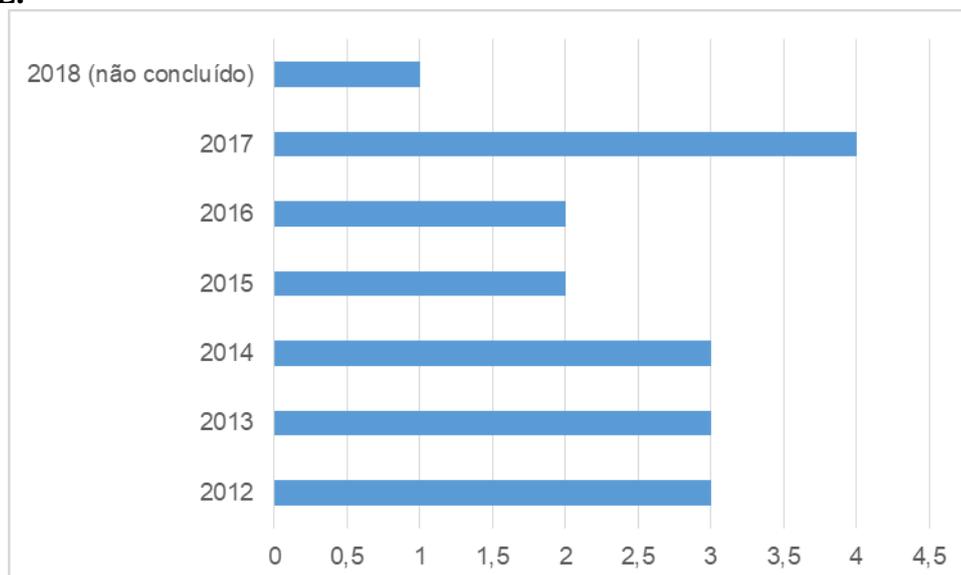
“Avaliação da propensão a empreender: uma proposta de mensuração desse constructo” apresenta o resultado de uma pesquisa de campo aplicada em estudantes de cursos de ensino superior sobre intenção empreendedora, que aponta para uma orientação e propensão em empreender na maioria dos participantes da pesquisa.

“O “bê-á-bá” do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora”, segundo os autores tem como objetivo “identificar os principais métodos e práticas de ensino adequados à educação empreendedora, bem como os conceitos e as características do tema a partir da revisão da literatura” (SILVA; PATRUS, 2017). O artigo aponta para a importância da utilização de métodos ativos na educação empreendedora sem desmerecer os métodos passivos, com aulas expositivas.

“*A preliminar exploration of the development of wisdom in entrepreneurship education*”, traz como tema o uso efetivo de princípios para incentivar uma educação voltada para o empreendedorismo em ambientes dinâmicos, incertos e imprevisíveis e afirma que para algumas pessoas a “reprogramação” de pensamentos é um desafio, enquanto para outras o impacto é menor.

Em sequência à análise bibliométrica sobre educação empreendedora da REGEPE, outros dados são abaixo apresentados.

Figura 4. Frequência de publicação de artigos sobre Educação Empreendedora na REGEPE.



Fonte: Os autores (2018)

Observa-se que o ano com maior número de publicações abordando a educação empreendedora foi 2017, com quatro artigos publicados.

Tabela 4. Métodos de pesquisa utilizados nos artigos publicados.

| REVISTA DIÁLOGOS* | FREQUÊNCIA |
|----------------------------|------------|
| Análise de múltiplos casos | 01 |
| Estudo de caso | 03 |
| Levantamento bibliográfico | 02 |
| Pesquisa de campo | 12 |

*Fonte: Os autores (2018)

Quanto aos meios de pesquisa, nota-se que o mais utilizado entre os artigos selecionados foi pesquisa de campo, 66% dos artigos utilizam o método, tanto qualitativas, quanto quantitativas, “o foco da pesquisa qualitativa é compreender e aprofundar os fenômenos que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação a um contexto” (SAMPIERI, *et al*, 2013, p. 376).

Ainda de acordo com os autores (SAMPIERI, COLLADO E LUCIO, 2013, p. 376):

O enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que são pesquisadas) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade. Também é recomendável selecionar o enfoque qualitativo quando o tema do estudo foi pouco explorado, ou que não tenha sido realizada pesquisa sobre ele em algum grupo social específico.

Já a pesquisa quantitativa, segundo os mesmos autores “utiliza a coleta de dados para testar hipóteses, baseando-se na medição numérica e na análise estatística para estabelecer padrões e comprovar teorias” (SAMPIERI, COLLADO E LUCIO, 2013, p. 30).

A pesquisa de campo permite o estudo do comportamento dos indivíduos por meio da coleta de dados e informações de um determinado grupo de pessoas, em um determinado contexto econômico, histórico e social, trata-se de um retrato atual (ao tempo da pesquisa) que possibilita correlações e formulação de hipóteses com o intuito de aprofundar estudo sobre um determinado tema. No caso dos artigos selecionados, possivelmente a grande maioria dos artigos traz a pesquisa de campo como método pois ela responde a questões comportamentais importantes para o estudo do empreendedorismo.

Tabela 5. Palavras-chave mais utilizadas.

| PALAVRAS-CHAVE* | FREQUÊNCIA | PERCENTUAL |
|--|------------|------------|
| Características comportamentais empresariais | 2 | 11,11% |
| Educação | 2 | 11,11% |
| Educação Empreendedora | 3 | 16,66% |
| Empreendedorismo | 12 | 66,66% |

*Fonte: Os autores (2018)

Entre as palavras-chave mais utilizadas está a palavra “empreendedorismo”, não por acaso, o tema central da Revista. Em 1985, Drucker afirmava que o empreendedorismo é uma disciplina que pode ser ensinada (LAVIERI, 2010, p. 19) e é neste sentido que advogam os artigos selecionados para o presente Estudo.

Tabela 6. Número de autores por artigo.

| NÚMERO DE AUTORES* | FREQUÊNCIA | PERCENTUAL |
|--------------------|------------|-------------|
| Um autor | 1 | 5,55% |
| Dois autores | 6 | 33,33% |
| Três autores | 9 | 50% |
| Quatro autores | 1 | 5,55% |
| Cinco autores | 1 | 5,55% |
| TOTAL | | 100% |

*Fonte: Os autores (2018)

O único autor que possui mais de uma publicação entre os artigos científicos pesquisados, é Louis Jacques Filion, que assina dois artigos dentro dos parâmetros selecionados na pesquisa, são eles: “Evolução do capital social empreendedor nos *spinn-offs* universitários” e “Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo bibliométrico permitiu a mensuração e análise de artigos pertinentes à educação empreendedora na REGEPE. Verificou-se que a grande maioria dos artigos publicados na Revista sobre o tema, trazem como método principal a pesquisa de campo, o que possivelmente sugere que o assunto ainda demanda estudos mais profundos sobre o comportamento dos empreendedores (ou potenciais empreendedores) com o fim de criação de métodos eficazes para o ensino do empreendedorismo.

Observou-se ainda, durante a pesquisa, que empreendimentos gerenciados por pessoas que já tiveram contato com educação empreendedora tendem a ser melhor estruturados, ou seja, é possível uma relação entre o alto índice de mortalidade de empresas com menos de dois anos e o baixo nível de escolaridade dos empreendedores, porém, se faz necessário pesquisa de campo para comprovação da hipótese.

De acordo com a pesquisa feita pelo SEBRAE em parceria com a ENDEAVOR (Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras), significativos 73,3% das pessoas que frequentam Instituições de Ensino Superior manifestaram não ter interesse em empreender, deixamos esse percentual como proposta para novos estudos, com o objetivo de compreender os motivos que levam o estudante a não considerar o empreendedorismo como uma possibilidade de carreira.

Lopes, Lima e Nassif (2017, p. 37) mencionam que o projeto de lei nº772 de 2015 do Senado, que propõe uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases: a inclusão do empreendedorismo nos currículos dos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio como tema transversal, sobre o assunto os autores afirmam:

Pode-se antever aqui o impacto que tal lei criará, visto que ampliará em muito a demanda das IES por profissionais que estejam preparados para implementar a EE – desde coordenadores, líderes de área, diretores e até professores. Aliás, o ponto crítico da EE é a capacitação dos professores [...], que devem atuar como facilitadores de aprendizagem, curadores de conteúdo e criadores de ambientes propícios para que a experiência seja prática, seguindo as metodologias contemporâneas, que defina os resultados de aprendizagem a serem medidos, fomente a reflexão ao longo do processo e a articulação para além da sala de aula. Assim, a formação de professores empreendedores será um ponto fundamental, e poderá ser o gargalo para a expansão e sistematização eficaz da EE.

Conclui-se que a educação empreendedora, para ser realmente eficaz em larga escala, deve chegar primeiro aos professores e à alta direção da Instituição de Ensino e que o contato com a “disciplina” desde cedo pode potencializar e despertar o “espírito empreendedor” do estudante. O assunto naturalmente demanda estudos mais profundos, inclusive em outras bases de dados.

CONCLUSÃO

O empreendedorismo ou os chamados comportamentos empreendedores sempre existiram, no entanto, o estudo sobre esses comportamentos são recentes. Em um curto espaço de tempo o termo empreendedorismo passou a fazer parte do cotidiano dos brasileiros e

estudos foram (e continuam) sendo realizados com o intuito de sistematizar os comportamentos empreendedores para compreendê-los e por ventura, transformá-los em um “método duplicável”. O presente estudo se propôs a realizar uma análise bibliométrica de artigos publicados na Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas – REGEPE, sobre educação empreendedora no período de 2012 a 2018, e chegou-se ao resultado de que 14% da produção científica da revista traz a educação empreendedora como tema central.

ABSTRACT: Entrepreneurship or the so-called entrepreneurial behaviors have always existed, however, the study of these behaviors are recent. In a short time, the term entrepreneurship became part of the daily life of Brazilians and studies were (and continue) being carried out with the aim of systematizing the entrepreneurial behaviors to understand them and, by chance, to transform them into a "duplicable method ". The present study proposed to perform a bibliometric analysis of articles published in the Journal of Entrepreneurship and Small Business Management - REGEPE on entrepreneurship education in the period from 2012 to 2018, and the result was that 14% of the scientific production of the magazine brings the entrepreneurial education as the central theme, for that, a quantitative descriptive research methodology was used.

KEYWORDS: Entrepreneurial Education. Entrepreneurship. REGEPE.

REFERÊNCIAS

ALBANAZ, Fernanda; MATITZ, Queila Regina Souza. USO DO CONCEITO OPORTUNIDADE EM LIVROS NACIONAIS DE EMPREENDEDORISMO À LUZ DA LITERATURA CIENTÍFICA DA ÁREA. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 76-100, jun. 2016. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/386>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v5i2.386>.

BORGES, Cândido; FILION, Louis Jacques. EVOLUÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EMPREENDEDOR DOS SPIN-OFFS UNIVERSITÁRIOS. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 3-31, jul. 2012. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/12>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v1i1.12>.

CHING, Hong Yuh; KITAHARA, Jose Renato. Avaliação da Propensão a Empreender: Uma Proposta de Mensuração Desse Constructo. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 291-310, ago. 2017. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/472>>. Acesso em: 07 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v6i2.472>.

DAL OSTO MINUZZI, Cristiele; VARGAS, Katiuscia Schiemer; BORGES FIALHO, Camila. CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS EMPREENDEDORAS: EM CENA OS FUTUROS ADMINISTRADORES. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 141-162, mar. 2016. ISSN 2316-2058.

Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/277>>. Acesso em: 07 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v5i1.277>.

DOLABELA, Fernando; FILION, Louis Jacques. FAZENDO REVOLUÇÃO NO BRASIL: A INTRODUÇÃO DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA NOS ESTÁGIOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 134-181, maio 2014. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/137>>. Acesso em: 07 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v2i3.137>.

E SILVA, Fabiane da Costa; MANCEBO, Rafael Cuba; MARIANO, Sandra Regina Holanda. Educação Empreendedora como Método: O Caso do Minor em Empreendedorismo Inovação da UFF. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 196-216, abr. 2017. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/411>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v6i1.411>.

FERREIRA, Emanuel Renato Andrade; FREITAS, Ana Augusta Ferreira de. PROPENSÃO EMPREENDEDORA ENTRE ESTUDANTES PARTICIPANTES DE EMPRESAS JUNIORES. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 3-32, abr. 2014. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/69>>. Acesso em: 07 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v2i3.69>.

FIGUEIREDO, Aline Campos; DEL MAESTRO FILHO, Antônio; SANTOS, Lucas Maia dos. CARREIRA TRADICIONAL OU MODERNA? UM ESTUDO COM ALUNOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SP. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 163-191, fev. 2016. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/282>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v5i1.282>.

FONTENELE, Raimundo Eduardo Silveira; BRASIL, Marcus Vinicius de Oliveira; SOUSA, Antônia Márcia Rodrigues. INFLUÊNCIA DA INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE DISCENTES EM UM INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 147-176, mar. 2015. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/191>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v4i3.191>.

GARCIA, Renato et al. EMPREENDEDORISMO ACADÊMICO NO BRASIL: UMA AVALIAÇÃO DA PROPENSÃO À CRIAÇÃO DE EMPRESAS POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 36-63, jan. 2013. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/39>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v1i3.39>.

GOIS, Pedro Henrique; MACHADO, Hilka Pelizza Vier. UMA ABORDAGEM SOBRE O PAPEL DAS REDES PARA PEQUENAS EMPRESAS E SOBRE OS EFEITOS NO APRENDIZADO DE EMPREENDEDORES. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 32-52, jul. 2012. ISSN 2316-2058.

Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/13>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v1i1.13>.

KRAKAUER, Patricia Viveiros de Castro; SANTOS, Silvio Aparecido dos; ALMEIDA, Martinho Isnard Ribeiro de. Teoria da Aprendizagem Experiencial no Ensino de Empreendedorismo: Um Estudo Exploratório. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 101-127, abr. 2017. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/353>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v6i1.353>.

LOPES, Rose Mary Almeida. **Ensino do Empreendedorismo no Brasil: Tendências e Melhores Práticas**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

MALACARNE, Robson; BRUNSTEIN, Janete; BRITO, Margarete Dias. Formação de Técnicos Agropecuários Empreendedores: O caso do IFES e sua participação na OBAP. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 20-41, maio 2014. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/125>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v3i2.125>.

MCNALLY, Jeffrey; HONIG, Benson; MARTIN, Bruce. A Preliminary Exploration of the Development of Wisdom in Entrepreneurship Education. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 01-34, jan. 2018. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/797>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v7i1.797>.

ORSIOLLI, Thálita Anny Estefanuto; NOBRE, Farley Simon. ESTUDO DO EMPREENDEDORISMO SOB A ÓTICA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 03-36, maio 2015. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/222>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v4i3.222>.

RIBEIRO, Ricardo de Lima; ARAUJO, Elvira Aparecida Simões de; OLIVEIRA, Edson Aparecida de Araujo Querido. MENTALIDADE EMPREENDEDORA NO LITORAL NORTE PAULISTA: UMA INVESTIGAÇÃO COM DISCENTES DE ENSINO SUPERIOR. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 03-32, fev. 2015. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/148>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v4i2.148>.

SANTOS, José Vitor Palhares dos. CASO DE ENSINO SOBRE O HOTELZINHO DOCE ENCANTO: O LADO NÃO TÃO DOCE DA RELAÇÃO ENTRE ESTRUTURA, ESTRATÉGIA E SOBREVIVÊNCIA ORGANIZACIONAL. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 3, n. 3, p. 211-223, fev. 2015. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/159>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v3i3.159>.

SILVA, Júlio Fernando da; PATRUS, Roberto. O “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo: Uma Revisão da Literatura Sobre os Métodos e Práticas da Educação

Empreendedora. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 372-401, ago. 2017. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/563>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v6i2.563>.

SOUZA, Donizeti Leandro de; ZAMBALDE, André Luiz; OLIVEIRA, Nivaldo. ESTRATÉGIA DE CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS POR MEIO DE PROGRAMAS DE ESTÁGIO: UMA REALIDADE OU UM DESAFIO?. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 33-56, abr. 2014. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/95>>. Acesso em: 07 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v2i3.95>.

VIEIRA, Saulo Fabiano Amâncio et al. A VISÃO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE ADMINISTRAÇÃO SOBRE EMPREENDEDORISMO: COMPARAÇÕES ENTRE O ESTUDO GUESSS BRASIL 2011 COM O LEVANTAMENTO REALIZADO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA- PR. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 3, n. 3, p. 77-103, fev. 2015. ISSN 2316-2058. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/114>>. Acesso em: 06 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.14211/regepe.v3i3.114>.

LAVIERI, C. A.. **Educação... empreendedora?**: In: LOPES, R. M. A. (Orga.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Cap. 1. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

LOPES, R. M. A [et al]. **Ensino do Empreendedorismo no Brasil** – panoramas, tendências e melhores práticas. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios**. 16 reimp. da 1 ed. de 1986. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. IBQP e SEBRAE, 2012. Disponível em <[www.bibliotecasebrae.com.br/bds.bds.nsf/.../\\$FILE/NT0003EF2A.pdf](http://www.bibliotecasebrae.com.br/bds.bds.nsf/.../$FILE/NT0003EF2A.pdf)>. Acesso em 10 de jan. 2018.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil: 2011/ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Grecco; autores: Tales Andreassi... [et. al], Curitiba: IBQP, 2011.

SEBRAE, Sobrevivência das Empresas no Brasil, Outubro, 2016. Disponível em: <<https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F6588%2F1476473621Relatorio+Endeavor+digital+%283%29.pdf>>. Acesso em 04 de jan. 2018.

LOPES, R. M. A [et al]. **Ensino do Empreendedorismo no Brasil** – panoramas, tendências e melhores práticas. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.